

*Ruralistas e patrulheiros, unidos...*

③ O corajoso relatório do deputado Gilney Viana (PT-MT), da comissão externa da Câmara que investiga a ação das madeireiras asiáticas, não tem apenas o mérito de chamar a atenção para um aspecto ainda pouco conhecido da reforma agrária e da ação do Movimento dos Sem-Terra (MST) — o de ser um dos principais responsáveis pelo desmatamento da Amazônia. Além de fazer essa acusação — que dói porque verdadeira e feita por alguém totalmente insuspeito —, ele teve, também, o mérito de nos mostrar que as famosas patrulhas ideológicas da esquerda continuam tão ativas e virulentas como no passado e dispostas a se aliar a seus mais ferrenhos inimigos, quando se trata de combater os que se desviam da “linha justa”.

“Há uma conexão entre reforma agrária e atividades madeireiras”, afirma Viana, que propõe a proibição de assentamentos em áreas de floresta nativa, executando apenas “projetos de assentamento extrativista”. Segundo ele, o problema é grave, porque 88,15% das áreas destinadas à reforma agrária estão na Amazônia. Sua afirmação de que “a reforma agrária é tão predatória quanto os projetos agropastoris incentivados pela Sudam” é confirmada por dados colhidos pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe). De acordo com o último relatório dessa instituição, fotos de satélite mostram que 60% da área desmatada da Amazônia corresponde a propriedades de menos de 50 hectares, ou seja, aquelas pertencentes a assentados do Incra ou a agricultores levados por programas de colonização da Amazônia. Não é apenas o Inpe que corrobora a análise de Viana. Já é mais do que sabido que os sem-terra integram um contingente de centenas de milhares de predadores — entre eles, índios e ex-garimpeiros, que vêm na madeira uma espécie de “novo ouro” — que vem ajudando as madeireiras a pôr abaixo a floresta.

Trata-se de um fato conhecido, testemunhado, documentado e fotografado, sobre o qual não paira nenhuma dúvida razoável. Mas, quando a realidade contraria seus dogmas, a esquerda prefere negá-la e ficar com estes últimos. O MST, com o apoio da

“progressista” Comissão Pastoral da Terra e da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), reagiu com “indignação” e iniciou um amplo movimento para “enquadrar” Viana e obrigá-lo a mudar seu relatório. Como o relatório do deputado petista também sugere que se imponham aos fazendeiros limites para desmatamentos e incêndios em suas propriedades, integrantes da poderosa “bancada ruralista” logo se aliaram às “patrulhas ideológicas” da esquerda. E, quem diria, eles têm sido muito bem recebidos pelos ditos “patrulheiros”. Até agora, Viana só recebeu da esquerda o apoio solitário e solidário do deputado Fernando Gabeira (PV-RJ). Em pouco tempo, saberemos se eles conseguirão resistir às duas patrulhas que os atacam, irmanadas — as ideológicas e as ruralistas. Diante de tanto “quiequieisso companheiro”, Viana balança e já se dispõe a mudar seu relatório. Para quem se lembra dos tempos áureos do domínio da “patrulha ideológica”, o dilema é dos mais interessantes. A esquerda tem no MST o seu ícone do momento. Mas também sempre afirmou que a devastação ecológica é uma das contradições insolúveis do capitalismo, obra exclusiva da ganância dos ricos, que agridem os “povos da floresta”. Se prevalecer a tese que começa a ganhar os arraiais da esquerda de que a patrulha e os ruralistas, unidos, jamais serão vencidos, o dilema ficará ainda mais sério...

Mas, afóra esse espetáculo divertido, o caráter predador e antiecológico da ação dos assentados, do Incra na Amazônia, surge apenas como mais um dos sintomas do completo equívoco do atual modelo de reforma agrária. Cada vez fica mais evidente que ele produz mais problemas do que soluções. Como se não bastasse a tolerância irresponsável do governo diante das invasões, que vêm desmoralizando perigosamente a ordem jurídica e desorganizando a produção agrícola, está agora provado também que a ação do MST constitui uma grave ameaça ao meio ambiente. O único que continua alheio a todas essas evidências, além dos novos aliados pela devastação, é Fernando Henrique Cardoso.